

Cassandra Pereira França

Nem sapo, nem princesa

Terror e fascínio pelo feminino



Blucher

NEM SAPO,
NEM PRINCESA

Terror e fascínio pelo feminino

Cassandra Pereira França

Nem sapo, nem princesa: terror e fascínio pelo feminino

© 2017 Cassandra Pereira França

Editora Edgard Blücher Ltda.

Copidesque Marlene Fraga

Preparação de texto Ana Maria Fiorini

Revisão de texto Carla Raiter

Blucher

Rua Pedroso Alvarenga, 1245, 4º andar
04531-934 – São Paulo – SP – Brasil

Tel.: 55 11 3078-5366

contato@blucher.com.br

www.blucher.com.br

Segundo o Novo Acordo Ortográfico,
conforme 5. ed. do *Vocabulário
Ortográfico da Língua Portuguesa*,
Academia Brasileira de Letras, março
de 2009.

É proibida a reprodução total ou parcial
por quaisquer meios sem autorização
escrita da editora.

Todos os direitos reservados pela
editora Edgard Blücher Ltda.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

França, Cassandra Pereira

*Nem sapo, nem princesa : terror e
fascínio pelo feminino /* Cassandra Pereira
França. – São Paulo : Blucher, 2017.
192 p. : il. color.

Bibliografia

ISBN 978-85-212-1204-1

1. Psicanálise 2. Psicanálise infantil
3. Identidade de gênero – Crianças 4.
Psicanálise e feminismo I. Título.

17-0708

CDD 150.195

Índice para catálogo sistemático:

1. Psicanálise

Conteúdo

Introdução	23
1. Determinismos parentais	33
2. Os primórdios da inveja	65
3. O terror à mãe vampírica	93
4. O canto da sereia	123
5. Ensaio edipianos: nem príncipe, nem princesa	137
6. Redesenhando possíveis aberturas teóricas	163
Referências	181
Índice de figuras	191

Introdução

A pesquisa teórico/clínica

A clínica infantil prima por ser uma das modalidades psicoterápicas mais instigantes, não apenas pelas dificuldades de manejo técnico que apresenta mesmo a profissionais experientes, mas, principalmente, porque anuncia em tempo recorde os paradigmas culturais que permeiam as relações familiares. O tema que ora trataremos é datado, reflete os impasses na constituição da identidade sexual de crianças do sexo masculino, criadas na cultura machista dominante em todos os segmentos da sociedade brasileira nas últimas décadas do século XX.

Abordar a temática da gênese da identidade sexual parece ser, a princípio, uma contraordem num momento em que a luta pelo fim da homofobia e pelo direito dos cidadãos à diversidade sexual tem sido uma bandeira de muitos. Sendo assim, tratar desse tema é evocar calorosas discussões que acabam trazendo à tona resquícios de distintos preconceitos; porém, calar-se para evitar animosidades não nos parece atender aos anseios daqueles que se envolveriam

nesse embate. Vejamos, então, como poderíamos mapear as tensões que disparariam as rotas de colisão: por um lado, temos aqueles que, com parco conhecimento de psicanálise, julgam que ela é uma ciência moralista e preconceituosa, e que só poderia se interessar pela gênese da sexualidade para tentar perpetuar a lógica binária dominante na identificação sexual; por outro lado, o dos psicanalistas, o desconhecimento recai sobre os conteúdos estudados pelos cientistas sociais, que os capacitariam a identificar, de fato, os movimentos discriminatórios e preconceituosos dos quais muitas vezes nem nos damos conta. No entanto, esses distintos objetos de pesquisa podem levar a discussão a se perder num emaranhado de pré-conceitos e pré-concepções que só serviriam para reforçar a premissa de Foucault, expressa nas palavras de Butler da seguinte maneira:

O sexo não pode nunca ser liberado do poder: a formação do sexo é uma atuação do poder. Em certo sentido, o poder atua no sexo mais profundamente do que podemos saber, não apenas como uma restrição ou repressão externa, mas como o princípio formador de sua inteligibilidade (Butler, 2008, p. 96).

É certo que os psicanalistas, como a maioria dos seres humanos, tiveram até então sua constituição identitária forjada dentro do modelo binário, com sua cobrança de coerência entre anatomia, identidade de gênero, desejo e prática sexual e que, por isso mesmo, terão como desafio ouvir, com neutralidade analítica, um sujeito que se sente aprisionado pela sexualidade normativa. Mas também é certo que todos os analistas sofreram atravessamentos culturais que os deixaram preparados para aceitar enquadres teóricos mais flexíveis e menos preconceituosos do que os vigentes na sua principal fonte de estudos: a psicanálise freudiana.

Lembremos que Freud já nos alertava, em 1905, de que era “essencial compreender claramente que os conceitos de ‘masculino’ e ‘feminino’, cujo significado, que parece tão inequívoco às pessoas comuns, está entre os mais confusos que ocorrem na ciência” (Freud, 1980[1905] p. 226).

Convém, então, admitir que, por vários desses motivos, o assunto da diversidade sexual é delicado, espinhoso, e que, apesar de o termo “identidade de gênero” ter sido cunhado, na década de 1960, por Robert Stoller – um psiquiatra e psicanalista americano que deixou uma interessante contribuição sobre a transexualidade na infância –, nem mesmo esse autor conseguiu conduzir suas investigações e tratamentos sem uma expectativa de coerência entre sexo anatômico e gênero. Apesar de reconhecermos o risco sempre possível da presença dessa expectativa, é necessário desfazer uma imprecisão que paira sobre a psicanálise nesse campo: a de que o tratamento psicanalítico visaria evitar ou corrigir as identificações homossexuais – hipótese que só poderia ser aventada por um leigo, pois qualquer um que se dedique ao estudo da teoria psicanalítica logo perceberia que este não é nem de longe o seu objetivo! E, se acaso fosse, não conseguiria jamais alcançá-lo, pois sua proposta terapêutica, que caminha no sentido da assunção dos desejos mais recônditos do sujeito, inviabiliza as propostas de “correção ortopédica”.

Esse imperativo que nos obriga a ser homens ou mulheres, sob o risco de sermos excluídos do campo considerado humano, é a questão fundamental que a filósofa americana Judith Butler tem lançado para a reflexão de todos. Recusando o sentido clássico de gênero como um termo que se refere a uma rede de traços de personalidade, atitudes, sentimentos, valores e condutas que diferenciam mulheres de homens, ela propõe, em seu lugar, que o gênero deva ser considerado “como um ato performativo, uma ação pública,

que encena significações já estabelecidas socialmente e desse modo funda e consolida o sujeito” (Butler apud Knudsen, 2007, p. 78). Uma das interessantes decorrências dessa visão é o fato de que não haveria gêneros originais, pois homens e mulheres heterossexuais seriam tão construídos quanto as categorias chamadas de cópias. Para essa autora, a existência de dois órgãos genitais distintos não justifica a suposição de um binarismo de gênero, pois o corpo não sustenta uma verdade fundamental sobre a sexualidade.

Por concordar com essa premissa e por reconhecer quão parco é nosso conhecimento sobre as identificações primárias, julgo ser muito importante estudar os primórdios da construção da identidade sexual, em primeiro lugar porque, “como Foucault assinala, o sexo acabou por caracterizar e unificar não apenas as funções biológicas e os traços anatômicos, mas as atividades sexuais, assim como uma espécie de núcleo psíquico que dá pistas para um sentido essencial ou final para a identidade” (Butler, 2008, p. 91).¹ Em segundo lugar, porque, como diz Bleichmar, “a enunciação de gênero se inscreve na identidade nuclear do ego, antes que a criança reconheça sua correlação com a genitalidade” (2000, p. 3), vale dizer, numa época em que o inconsciente ainda está em vias de constituição.

Tendo em mente a intenção de contribuir de alguma maneira para o que a clínica psicanalítica me fez entender, isto é, que existem mais gêneros do que sexos, escolhi como objeto de estudo a escuta detalhada da singularidade fantasmática de uma criança de 4 anos de idade, envolvida nas tramas da construção de sua identidade sexual. As incógnitas instaladas geraram um material

1 “As Foucault points out, sex has come to characterize and unify not only biological functions and anatomical traits but sexual activities as well as a kind of psychic core that give clues to an essential, or final meaning to, identity” (Butler, 1996, p. 60).

clínico volumoso, produzido durante dois anos de análise, com uma frequência de quatro sessões semanais. Das trezentas sessões transcorridas nesse período, optei por selecionar apenas as mais significativas para representarem os movimentos psíquicos importantes no desenvolvimento clínico do caso.

Nesse material, arquivado por quase três décadas, poderemos observar, lado a lado, a violência das normas que regem a necessidade de se ter um sexo definido, e a violência da mãe quando não permite à criança sair da imersão simbiótica e criar sua própria identidade. A leitura do caso não só deixará o leitor sensibilizado com as dificuldades do analista no emaranhado dos primórdios da constituição psíquica, como também o aproximará dessa criança durante três fases distintas: a primeira, em que ele sente uma inveja intensa da figura feminina; a segunda, em que há o domínio de um movimento egoico defensivo que fazia com que “escondesse” seu pênis e alardeasse seu desejo de ser mulher, na tentativa de escapar de um ataque fulminante ao órgão que elegera como referente de individuação; finalmente, numa terceira fase, o leitor poderá ver como a criança, mesmo tendo tido um avanço significativo na elaboração da angústia de castração, dar-nos-á a impressão de ter se identificado com o gênero feminino, pois o fascínio pelos adereços usados pelas mulheres ainda persistia... e me levava a questionar qual seria o rearranjo identificatório sexual que aconteceria após a adolescência daquela criança. Questão que não se calou por muitos anos, alimentou o meu interesse pelo assunto, deixando-me ávida por leituras e supervisões que pudessem me ajudar a respondê-la. Foi assim que, em 2005, iniciei o curso “A sexualidade infantil: de Hans a John/Joan”, ministrado pela professora doutora Silvia Bleichmar, e que tinha como conteúdo programático exatamente o estudo dos empecilhos que uma criança, originariamente identificada simbioticamente com a mãe, tem que vencer para conseguir adquirir sua identidade masculina.

Curiosamente, nessa mesma época, tomei conhecimento da tese (de doutorado) que estava sendo escrita por uma colega da PUC-SP, Eliane Kogut, que estava estudando o movimento *crossdresser* no Brasil. Organizado por um grupo de homens, casados ou com relacionamentos estáveis com mulheres, seus componentes tinham a necessidade esporádica de se vestir de mulher, apenas pelo prazer de desfrutarem dos adereços femininos e serem enxergados como mulheres – prazer que não implicava atração ou atividade sexual com homens. Eu, que nada sabia sobre o assunto, logo vislumbrei no fenômeno uma possível resposta para a construção identificatória que tinha visto naquela criança que tinha analisado tantos anos atrás. Intrigada com a certeza de que havia uma vinculação entre as duas situações, decidi rever todo o material clínico, dessa vez sob a supervisão da doutora Silvia Bleichmar. Mas, para não ficar impregnada demais por essa hipótese, decidi, também, nada ler sobre o assunto e nem visitar o site do *Brazilian Crossdresser Club*, até que estivesse com todo o material redigido.

Após meses de trabalho, foi possível vislumbrar que o material daria uma interessante pesquisa clínica, e que o supervisor mais adequado para me acompanhar na escrita acadêmica desse material seria o professor doutor Renato Mezan, do Programa de Pós-Graduação da PUC-SP, que orientou minha pesquisa sobre sexualidade masculina no doutorado e tem orientado outras teses afins. Ele prontamente aceitou a empreitada de ser o orientador do meu estágio de pós-doutorado, ficando a professora Silvia como co-orientadora. Assim, durante mais de um ano, tive o prazer de discutir o material clínico com cada um deles. Quando o trabalho estava quase concluído, infelizmente, sofremos a perda da nossa querida professora Silvia, em agosto de 2007. E, por muito tempo, não consegui retomar a escrita – até que foi preciso concluí-la formalmente. Daquele momento até a presente data, sempre que me é

possível, retomo os estudos sobre essa temática que deixou tantos questionamentos em aberto.

Esta pesquisa teórico-clínica está organizada em seis capítulos; no primeiro, “Determinismos parentais”, farei a apresentação dos primeiros contatos com uma família que busca análise para um menino que, segundo seus pais, apresentava um desvio sexual. A complexa rede que compõe a história da fundação do psiquismo dessa criança servirá de roteiro para que, no segundo capítulo, “Os primórdios da inveja”, possamos apresentar um conjunto de sessões do início da análise dessa criança, interpretado à luz da riqueza das concepções kleinianas acerca das fantasias arcaicas que compõem a inveja da completude.

O terceiro capítulo, “O terror à mãe vampírica”, compila o material clínico que sustenta uma das hipóteses fundamentais dessa pesquisa: a de que o terror à mãe, em alguns casos, pode representar tanto um obstáculo à identificação masculina quanto uma fonte inesgotável de angústia. Dando continuidade a esse tema, “O canto da sereia” apresenta o *link* entre essas angústias primitivas e o encantamento com a “montagem da mulher” presente no fascínio pelas roupas e adereços femininos. O quinto capítulo, “Ensaio edipiano: nem príncipe, nem princesa”, mostrará ao leitor o tear das intervenções psicanalíticas, movendo-se, continuamente, entre um tempo de elaboração das vivências arcaicas com a mãe e um tempo de avanço na construção da subjetividade e da elaboração do complexo de castração.

Os momentos nevrálgicos da análise dessa criança reenviam à teoria psicanalítica uma série de indagações que denunciam, a um só tempo, a precocidade da construção da identidade sexual e a insuficiência do binarismo de gênero para acompanhar tais desenvolvimentos. Assim, no último capítulo deste livro, “Redesenhando possíveis

aberturas teóricas”, acrescentarei alguns fatos que me levaram a concluir quão estreito se torna o ordenamento masculino ou feminino para dar conta da singularidade de cada uma dessas construções.

Deixarei a cada leitor o convite para que elabore, a seu modo, esse historial clínico e continue bordando neste capítulo os efeitos que a figurabilidade imagética trouxe aos seus olhos. Para esse bordado, basta que cada um seja livre para escolher a espessura e os tons das linhas que costumam seguir as escolas analíticas com que nos identificamos. Mas, quem sabe, ao cruzar linhas, vislumbraremos outras configurações que nos permitam redesenhar, juntos, possíveis aberturas teóricas?

Optar pela publicação desse material clínico nem de longe foi uma decisão fácil, mas acabou sendo impulsionada pelo meu incômodo com a forma como a sexualidade tem sido vivenciada pelas pessoas no início do século XXI, quando então parece não haver mais espaço para a fantasia, uma vez que tudo tem de ser vivenciado no plano concreto! Eu acreditava ser importante dar visibilidade, a um só tempo, tanto às angústias que acompanham a fantasmática da designação de gênero na infância quanto aos engessamentos teóricos da psicanálise para lidar com o emaranhado de questões envolvidas nesse assunto tão complexo. No entanto, eu não conseguia concluir o texto nos moldes habituais de uma pesquisa acadêmica: apresentando uma compilação bibliográfica e suas conclusões. Nenhuma das formas que eu encontrava para finalizar os originais parecia satisfatória. Então, recentemente, Renato Mezan, que continuava me cobrando a publicação do material, sugeriu que eu assistisse ao documentário da psicanalista Miriam Chnaiderman, *De gravata e unha vermelha*.² Foi quando pude encontrar, por meio do olhar dedicado da roteirista, os contornos do que eu buscava para concluir

2 Vencedor do Prêmio Felix de Melhor Documentário no Festival do Rio 2014.

o meu escrito. Cada história de vida apresentada no filme poderia ser uma projeção da vida adulta do meu pequeno paciente. Enfim, encontrara as palavras que faltavam à minha conclusão e que foram proferidas por uma das entrevistadas no documentário: “existem mil sexos dentro desse corpo que o Estado pensa que é dele!”.

Fiquei animada por ter encontrado uma colega que abriu sua lente analítica exatamente por acreditar que as variações na identidade sexual não se reduzem ao posicionamento da criança diante da castração, mas aos complexos modos de combinação entre os fantasmas que articulam o desejo sexual e as formas de organização dos atributos de gênero – o que Bleichmar tinha dito com palavras tão precisas:

A sexualidade não é um caminho linear que vai da pulsão parcial à assunção da identidade, passando pelo estágio fálico e o Édipo como sinais de seu percurso, senão que se constitui como um complexo movimento de sobredeterminações e ressignificações, de articulações provenientes de diversos estratos da vida psíquica e da cultura, das incidências da ideologia e dos movimentos do desejo, sendo necessário, portanto, dar um peso específico a cada elemento (Bleichmar, 2014, p. 254).

Entreguei-lhe os originais para que me ajudasse a decidir se valeria a pena trazer a público a riqueza do mundo fantasmático em que fica imersa a construção da identidade de gênero, marcadamente envolta por angústia, e que faz com que o recalçamento continue a ser a contrapartida defensiva do aparelho psíquico, em qualquer época da história da sexualidade humana.

A reação entusiasmada de Miriam Chnaiderman, dizendo que o ineditismo do material seria um verdadeiro presente para a

comunidade psicanalítica brasileira, pois estimularia estudos e reflexões necessárias para um reordenamento teórico sobre o assunto, ecoou as palavras que me dirigira Silvia Bleichmar uma década atrás, ao afirmar, categoricamente, que eu não tinha opção, teria de publicar essa análise na íntegra, porque esse material ilustrava quanto os novos modos de subjetividade colocavam em questão alguns enunciados psicanalíticos. Todos aqueles que conviveram com Silvia sabem muito bem quão contundentes eram suas palavras, e a força com que ela levava um debate às últimas instâncias. Assim, querendo fertilizar o debate psicanalítico sobre essa temática, convido o leitor a me acompanhar em uma das viagens a que dediquei minha vida profissional, e que me deixa identificada com a imagem criada por Manoel de Barros ao dizer: “Sou hoje um caçador de achadouros de infância” (Barros, 2003).



Clique aqui e:

[Veja na loja](#)

Nem sapo, nem princesa

Terror e fascínio pelo feminino

Cassandra Pereira França

ISBN: 9788521212041

Páginas: 192

Formato: 14 x 21 cm

Ano de Publicação: 2017